

Os usos da rua: apropriações religiosas do espaço público

Cleto Júnior P. Abreu, Jacqueline Moraes Teixeira e Rosenilton S. Oliveira



Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Edição electrónica

URL: <http://pontourbe.revues.org/3259>

ISSN: 1981-3341

Refêrencia eletrónica

Cleto Júnior P. Abreu, Jacqueline Moraes Teixeira e Rosenilton S. Oliveira, « Os usos da rua: apropriações religiosas do espaço público », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 Dezembro 2016, consultado o 11 Janeiro 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3259> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3259

Este documento foi criado de forma automática no dia 11 Janeiro 2017.

Os usos da rua: apropriações religiosas do espaço público

Cleto Júnior P. Abreu, Jacqueline Moraes Teixeira e Rosenilton S. Oliveira

- 1 Uma das características do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP) é a realização de imersões coletivas em campo. O exercício da etnografia como método pressupõe que o pesquisador permaneça um tempo razoável convivendo com seus interlocutores a fim de reunir um conjunto de dados que permita descrever de maneira densa cenários, seus atores e interações. Colocando na cena de interação, um grupo de pesquisadoras e pesquisadores que já possuem alguma iniciação em determinado recorte empírico ou temática de pesquisa, as “expedições etnográficas” pretendem captar essas mesmas nuances em apenas uma (ou poucas) inserções em campo. Multiplica-se, dessa forma, os olhares sobre um mesmo evento, produzindo um conjunto de descrições densas, que permite esboçar elementos próprios às cenas observadas.
- 2 O dossiê “Os usos da rua: apropriações religiosas do espaço público”, inserido nesse contexto, integra uma variedade de etnografias de pesquisadoras e pesquisadores cujos interesses de pesquisa recaem sobre o religioso. Reuniram-se antropólogas/os e sociólogos ligados aos diferentes grupos de estudos da Universidade de São Paulo¹, da Universidade Estadual de Campinas e da Universidade Federal de São Paulo e também associados ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e ao *Instituto Cubano de Antropología* (ICAN – Havana). À diversidade institucional e disciplinar soma-se os eventos observados: as festividades do Corpus Christi (em São Paulo e em Santana de Parnaíba), a Marcha para Jesus e a Parada do Orgulho LGBT, realizados na capital paulista.
- 3 Realizados num único final de semana, o mote para a incursão nesse campo parte da constatação da força dos ajuntamentos de pessoas e das multidões que passaram a caracterizar o cotidiano das grandes cidades brasileiras desde junho de 2013. O intuito, nesse caso, foi o de captar sentidos e descrever performances, rituais e liturgias envolvendo atores e instituições religiosas em diferentes espaços públicos no plano da cidade de São Paulo. Para além da já habitual atuação nas câmaras legislativas e nos meios de comunicação, nosso propósito foi observar a ocupação ou apropriação de espaços de

uso comum e menos formais, como a rua, a praça e as grandes avenidas, por diferentes grupos e instituições cristãs.

- 4 Levando em consideração o espaço em que são divulgados os textos que seguem, a preocupação central dos autores esteve voltada à descrição e interpretação livre de determinadas cenas, sem pretensão de dar conta da complexidade dos eventos. De fato, buscaram revelar episódios e fragmentos significativos nas várias marchas, paradas e procissões que foram realizadas simultaneamente. De todo modo, alguns elementos foram recorrentes e possibilitaram identificar determinadas relações no universo observado. Do ponto de vista dos marcadores sociais da diferença, constatam-se diferenças de gênero e de geração nos três contextos. A presença de faixas etárias específicas na procissão católica (idosos, do lado católico, e jovens e adolescentes, do lado evangélico) parece ter dado o tom do próprio uso do espaço, do itinerário percorrido e das temporalidades observadas.
- 5 O uso dos espaços também se fez pela música, pelo uso dos carros de som, que estiveram em profusão tanto na Marcha pra Jesus quanto na Parada LGBT, a qual, diferentemente da primeira, foi palco de manifestações públicas contra a transfobia e pela inclusão do debate sobre identidade de gênero nas escolas, num contraponto claro a declarações de determinados líderes evangélicos. Não obstante, a Parada LGBT foi apropriada pelas igrejas evangélicas inclusivas, como apresentado na etnografia de Aramis Luís Silva: um uso religioso de um espaço público e de uma manifestação pública protagonizada pelos movimentos LGBTs.
- 6 Outros dois elementos que marcam esses eventos é o acionamento das categorias “manifestação” e “festa”. Seja como “metáfora”, nos casos católicos (como enuncia o arcebispo de São Paulo, descrito por Brum & Quintanilha) e dos evangélicos que saíram às ruas para dar visibilidade às suas crenças (como foi observado por Abreu & Morales), ou metonímia (no sentido de exercício político), como fora defendido por LGBTs que ocuparam a av. Paulista na 20ª Parada do Orgulho LGBT (Silva & Múscari). A dimensão da “festa” foi evocada para o caráter lúdico que os sujeitos aportavam às suas performances, mesmo que esse caráter festivo possa ser descrito em termos agonísticos (Pimenta & Oliveira).
- 7 Os relatos também apresentam, por caminhos distintos, uma leitura em paralelo da Marcha e da Parada (Teixeira), descrevendo formas de apropriação do espaço público por meio de ações que, à primeira vista, parecem totalmente incongruentes, mas que, de perto e de dentro, se mostram muito mais permeáveis umas às outras.
- 8 Por fim, cabe registrar que o importante rendimento analítico desse exercício etnográfico coletivo, cujo foco consistiu em observar diferentes apropriações de espaços e equipamentos públicos durante um feriado religioso, diz respeito ao registro da multiplicidade de sentidos e dinâmicas que mobilizam uma multidão de pessoas reunidas sob um mesmo espaço e durante um mesmo calendário. Por meio deste exercício é possível arriscar e afirmar também que o espaço público ou mesmo, que a cidade como cenário de múltiplas interações coletivas, não existe a priori. A cidade e seus espaços de interação pública acontecem por meio da ação e da mobilização de uma multidão.

NOTAS

1. Da USP, os pesquisadores estão associados ao Grupo de Estudos da Religião do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (GERM-NAU), ao Centro de Estudos de Religiosidades Contemporâneas e das Culturas Negras (CERNe/USP) e ao Núcleo de Estudos de política, esfera pública e religião (NUPRE/USP).